

PANDEIRO DE NÁILON: O estilo interpretativo de Bira Presidente

Gustavo Surian Ferreira

Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP)

E-mail: gustavosurian@hotmail.com

Resumo

A partir de 1972, quando o Bloco Carnavalesco Cacique de Ramos começava a promover rodas de samba em sua sede às quartas-feiras, um espaço fora do período carnavalesco surgiu para que os sambistas pudessem expor suas composições. Esse movimento, conhecido como “Pagode”, revelou notáveis músicos, compositores, assim como originou o Grupo Fundo de Quintal. O intuito principal da pesquisa é compreender como Bira Presidente – figura central desse movimento – executou o pandeiro de náilon no disco “De Pé No Chão” (RCA 1978). O álbum em questão apresenta extrema relevância pois foi a primeira vez que instrumentos como o repique de mão⁵ e o banjo com afinação de cavaquinho foram gravados em um disco, e que atualmente são extremamente comuns no samba (REIS 2003, SILVA 2013). Através de uma pesquisa documental videográfica, foi possível encontrar materiais onde se pode observar detalhes relativos à movimentação do instrumento, digitações e tipo de instrumento utilizado por Bira Presidente, o que seria bastante dificultoso, se não inviável, apenas com a audição dos fonogramas. Neste estudo de caso, foram feitas transcrições de trechos contrastantes da execução do pandeiro em três faixas a fim de compreender o idiomatismo presente no estilo interpretativo de Bira Presidente, evidenciando a riqueza de “levadas”⁶. Para isso, optei pela notação para pandeiro desenvolvida Stasi e Ferreira (2019), que representa com apenas duas linhas os timbres mais utilizados no pandeiro.

Palavras-chave: Música Brasileira, Samba, Pandeiro.

Abstract

After the 1970s years, when the Bloco Carnavalesco Cacique de Ramos started promoting “rodas de samba” on Wednesdays at its headquarters, a space outside the carnival period was created for composers in order to expose their new songs. This movement called “Pagode” expose many artists and led to the consolidation of the group Fundo de Quintal. The main purpose of this article is to understand how Ubirajara Félix

⁵ Instrumento de percussão tradicionalmente executado com a mão esquerda percutindo o corpo metálico do instrumento e a mão direita a pele (para os destros). Os golpes na pele são feitos com a alternância do polegar e os demais dedos da mão, gerando sons médio e agudos.

⁶ Padrão rítmico utilizado pelo instrumentista ao acompanhar uma determinada música.

do Nascimento – central figure in this movement – performs the nylon tambourine on the LP “De Pé no Chão” (RCA 1978). The album mentioned is extremely relevant because it was the first time that instruments as *repique de mão* and *banjo* with *cavaquinho* tuning appeared in a record and started to be part of traditional samba ensemble (REIS 2003, SILVA 2013). Due a research through videos, was possible to find specific material related to details of Bira Presidente style, which was almost impossible to perceive just hearing the songs. In this case study, excerpts from the tambourine's execution of three songs were transcribed in order to understand the language present in the style of Bira Presidente. I chose the notation for tambourine developed by Stasi and Ferreira (2019), because with only two line is possible to represent the most used tambourine sounds in urban samba.

Keywords: Brazilian Music, Samba, Brazilian Tambourine.

Gustavo Surian é Bacharel em Instrumentos de Percussão pela Unesp, onde atualmente realiza pesquisa de mestrado. cursou percussão erudita na FASCS de 2011 a 2012. Na Emesp, cursou bateria e vibrafone popular entre os anos de 2014 a 2018. Em 2019, lecionou música brasileira e se apresentou nos Estados Unidos.

Introdução

O estilo interpretativo de Ubirajara Félix do Nascimento, o Bira Presidente, está fortemente entrelaçado à sua história familiar. Isso se dá, em grande medida, à relação de sua família com o carnaval, com os sambistas cariocas e com as religiões Umbanda e Candomblé. Seu pai, Domingos Félix era amigo próximo das principais figuras envolvidas na criação dos primeiros sambas gravados. Ubirajara e seus irmãos eram levados por seu pai aos sambas promovidos nas casas dos companheiros Donga, Aniceto, Heitor dos Prazeres, Pixinguinha, Bide, Honório Guarda, Gastão Viana e João da Baiana. De acordo com Silva (2013), foi justamente esse o ambiente que propiciou o aprendizado de Bira Presidente tocar pandeiro (Silva 2013, 10). Sua mãe, Conceição de Souza Nascimento, em decorrência de sua liderança na religião Umbanda, envolvia sua família nos trabalhos e festas religiosas ocorridas em seu terreiro São Jerônimo. Possivelmente, a convivência do músico junto aos ogãs⁷ da casa tenha influência seu estilo interpretativo, visto a semelhança rítmica de algumas “levadas” e variações

⁷ Pessoa responsável por tocar atabaque, entoar cantigas e rezar durante os cultos de religiões afro-brasileiras.

utilizadas pelo músico e os toques de umbanda. Dessa forma, é provável que a contribuição de seus pais tenha influenciado tanto Ubirajara quanto seu irmão Ubirany a se tornarem dois dos mais conceituados percussionistas brasileiros.

Através de pesquisas realizadas anteriormente pelo autor, diversas pessoas apontaram o nome de Bira Presidente como sendo referência no estilo de se tocar pandeiro de náilon no samba carioca. No entanto, não há pesquisa acadêmica que trate do assunto com profundidade.

Utilizei o método de transcrição musical a fim de exemplificar o estilo de Bira Presidente, mesmo sabendo que a partitura tradicional não é suficiente para representar todos os nuances existentes em uma *performance* musical, ainda mais quando nos referimos ao aspecto rítmico da música popular brasileira. Um exemplo disso são as figuras que estão entre o que seria uma *Sincope*⁸ e as quiálteras de tercinas, frequentemente utilizada no samba. Com o intuito de amenizar tal problemático, inseri cinco *links* de vídeos para que o leitor possa ver o próprio pandeirista pesquisado executando o instrumento, assim como o autor tocando os demais trechos.

O Bloco Carnavalesco Cacique de Ramos

Durante o carnaval de 1960, a ala⁹ da família Félix do Nascimento, que desfilava na cidade do Rio de Janeiro, acabou se envolvendo em uma briga com pessoas de outra ala, quando um homem conhecido por Aymoré do Espírito Santo e alguns amigos que estavam passando pelo local, decidiram ajudá-los. Foi dessa situação de aproximação dos dois grupos que surgiu a ideia de formarem um único bloco grande, e para isso convidarem a família Walter Tesourinha, que haviam se mudado para o bairro de Ramos recentemente. Dessa forma, em 1961 ocorre o primeiro desfile do Bloco Carnavalesco Cacique de Ramos (Silva 2013, 7).

Devido ao crescimento vertiginoso do bloco no decorrer da década de 1960, a necessidade de se obter uma sede oficial ganhou força, mas se concretizou apenas em 1972. Com o passar do tempo, os pagodes¹⁰ realizados no local começaram a se tornar conhecidos pelos sambistas da época, pois ali era possível mostrar sambas inéditos, apresentando assim uma oportunidade que não se via nos outros blocos ou escolas de samba nos meses fora do período carnavalesco.

⁸ Nos referimos aqui à figura composta de semicolcheia, colcheia e semicolcheia.

⁹ Grupo de pessoas que saem às ruas durante o carnaval com fantasias que obedecem ao mesmo tema.

¹⁰ O termo “Pagode” é utilizado no Brasil para designar reuniões informais de pessoas, onde comumente se executa música dançante. No entanto, após a popularização do movimento ocorrido na quadra do bloco carnavalesco Cacique de Ramos, esse termo passou a designar o estilo de samba feito por esse grupo.

O Grupo Fundo de Quintal

Das rodas de samba sediadas na quadra do Bloco Carnavalesco Cacique de Ramos surgiu o grupo Fundo de Quintal. Inicialmente os pagodes não era o evento principal, mas sim uma atividade de descontração, assim como o futebol. Através desse processo, a roda de samba cresceu e ganhou notoriedade no cenário musical carioca, gerando assim destaque para seus músicos e organizadores. Foi um de seus integrantes, Neoci Dias de Andrade, que através de amigos conseguiu convidar a cantora Beth Carvalho, cuja carreira estava bastante consolidada na época, para conhecer a roda de samba do Cacique de Ramos. De acordo com Reis (2013), ao visitar a roda de samba, Beth Carvalho gostou tanto, que propôs ao seu produtor Rildo Hora que chamassem aquele grupo para acompanhá-la em seu próximo disco. Tanto o produtor quanto os músicos do Cacique de Ramos aceitaram a proposta (REIS 2013, 9). Sendo assim, o disco “Beth Carvalho De Pé No Chão” foi gravado em 1978 pela RCA Vitor. Esse fato marca a profissionalização do grupo sob o nome de “Fundo de Quintal”, formado inicialmente por: Ubirajara Félix do Nascimento (Bira Presidente) no pandeiro, Ubirany Félix Nascimento no repique de mão, Jelsereno de Oliveiro (Serenio) e Neoci Dias de Andrade nos tantãs¹¹, Almir Guineto no banjo e Jorge Aragão no violão.



Figura I: Capa do LP “Beth Carvalho de Pé no Chão”.

¹¹ Instrumento de percussão de formato cilíndrico tocado normalmente com uma mão na pele e a outra mão percutindo o corpo do instrumento.

Ubirajara Félix do Nascimento, o Bira Presidente

Ubirajara Félix do Nascimento, o Bira Presidente, é citado por Giancesella (2012), Carvalho (2018) e Falcão (2019) como sendo referência enquanto músico especialista no pandeiro de náilon dentro do samba carioca. Eduardo Giancesella, em seu livro “Percussão Orquestral Brasileira”, menciona Bira Presidente na lista dos treze instrumentistas que “inovaram no estilo e no requinte de performance levando a técnica do pandeiro brasileiro ao elevado estágio de desenvolvimento em que se encontra na atualidade.” Ele ainda completa dizendo que eles “(...) foram os principais responsáveis em ajudar a popularizar e a desenvolver a linguagem desse importante instrumento (...)” (Giancesella 2012, 155). Pessoas renomadas no samba também mencionam o estilo de Bira Presidente, dentre ele podemos citar o depoimento de Beth Carvalho no programa Samba na Gamboa. Segundo ela: “Ele não criou [o instrumento] mas ele tem um pandeiro diferente de todo mundo, o melhor do mundo para mim.” (Carvalho 2011, entrevista). Em 2019, Ubirajara teve sua história contada através do livro de Paulo Guimarães intitulado “O Patuá Tamarindo”. Adriana Falcão relata na sinopse da obra que “A história real gira em torno da vida de Bira Presidente, fundador do Bloco Cacique de Ramos, referência do carnaval carioca.” (Falcão 2019, 1)

É recorrente a utilização dos termos “inovador” e “diferente” para descrever o estilo interpretativo de Bira Presidente, ao mesmo tempo em que ele está ligado ao samba carioca tradicional. É justamente dessa dualidade entre inovação e tradição que surge o interesse em pesquisar seu estilo interpretativo.

Sabemos que, no processo de produção musical de um disco, existem diversas pessoas envolvidas, tais como o produtor, o arranjador, o compositor e até mesmo o cantor (intérprete) que influenciam diretamente na atuação dos músicos acompanhantes em uma determinada faixa. Contudo, averiguamos que, no álbum em questão, o estilo de Bira Presidente se manteve sem grandes influências de terceiros devido à dois fatores. O primeiro deles está relacionado ao produtor e arranjador Rildo Hora, que em entrevista relata que o intuito de convidar o grupo Fundo de Quintal para acompanhar Beth Carvalho, era recriar aquela sonoridade inovadora dentro do estúdio (Silva 2013, 12). Segundo depoimento do produtor no documentário “Isso é Fundo de Quintal¹²” (2004), dirigido por Karla Sabah, “o modo de tocar do Fundo de Quintal é especial. Bira, Ubirany e Sereno é [sic] a batucada mais interessante que surgiu no Brasil nos últimos 20 anos” (Isso é Fundo de Quintal, 2004). Dessa forma, o produtor revela que manteve

¹² O documentário completo encontra-se disponível no canal da diretora Karla Sabah através do link: <https://www.youtube.com/watch?v=29zHOd4UNCo>.

a identidade sonora do grupo. O segundo fator para Ubirajara ter preservado seu estilo nas faixas em questão está na admiração que a própria intérprete Beth Carvalho tinha pelo estilo de tocar pandeiro de Bira Presidente, explicitada em inúmeros depoimentos, assim como veremos mais à frente neste trabalho.

Os sinais gráficos do sistema notacional¹³ utilizado nesse trabalho foram organizados na bula abaixo.

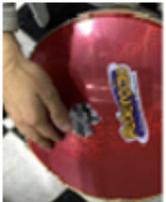
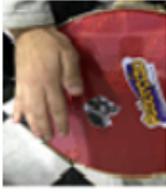
Sinais Gráficos	Descrição dos Sons	Região da Pele/Parte da Mão	Região de Toque
	Som grave tocado com o polegar. O ponto abaixo da nota significa que se deve abafar a pele com algum dedo da mão esquerda. No Brasil existem pessoas que abafam a pele com os dedos indicador, médio e mínimo.		
	Som grave da pele tocado com a ponta dos dedos na borda do instrumento.		
	Som agudo das platinelas tocado com a ponta dos dedos.		
	Som agudo das platinelas tocado com a parte da mão próxima ao punho.		
	Tapa seco no meio da pele.		

Figura II: Bula referente à notação de pandeiro de Carlos Stasi
Fonte: próprio autor.

¹³ O vídeo demonstrativo da bula encontra-se no link: <https://youtu.be/idqj8MyL0gQ>.

Escolhemos as faixas “Vou Festejar” (composta por Jorge Aragão, Dida e Neoci) “Marcando Bobeira” (João Quadrado, Beto Sem Braço e Dão) e “Ô Isaura” (Rubens da Mangueira) para exemplificar o estilo de Bira Presidente pois em cada uma das três faixas o pandeiro é explorado de forma distinta.

“Vou Festejar”

Logo na primeira faixa do disco, a música “Vou Festejar” revela a nova sonoridade do Fundo de Quintal. Enquanto o repique de mão tem um papel protagonista, o pandeiro executa um ritmo conhecido pelos músicos sambistas como “pandeiro reto”¹⁴, pois todas as subdivisões são preenchidas, enquanto a grave marca a pulsação.

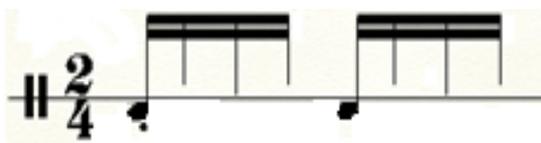


Figura III: Ritmo básica do pandeiro na música “Vou Festejar”.
Fonte: próprio autor.

Podemos perceber que até mesmo as variações da linha de pandeiro são feitas de forma a deixar a pulsação rítmica muito clara e marcada. Abaixo, transcrevo as três variações que Bira Presidente utiliza durante a música.



Figura IV: variação 1 (2min16seg) da música “Vou Festejar”.
Fonte: próprio autor.



Figura V: variação 2 (2min23seg) da música “Vou Festejar”.
Fonte: próprio autor.

Esta próxima variação ocorre especificamente nos seguintes trechos da música: 1’12”, 1’27”, 1’42”, 2’10”, 2’17”. Portanto, é a mais executada dentre as três variações.

¹⁴ O vídeo demonstrativo, desenvolvido pelo autor, com as bases e variações da música “Vou Festejar” encontra-se disponível através do link: <https://youtu.be/NEOxv8vIDGU>.



Figura VI: variação 3 da música "Vou Festejar".

Fonte: próprio autor.

“Marcando Bobeira”

Essa é a quarta faixa do disco “De Pé no Chão”. O andamento é de 123 BPM e o ritmo do pandeiro principal é idêntica à música “Vou Festejar”. No entanto, sua peculiaridade está na utilização de dois pandeiros executando linhas diferentes¹⁵. O segundo pandeiro entra com um ritmo de partido alto na repetição da canção (segundo 35 da música), com a base a seguir.

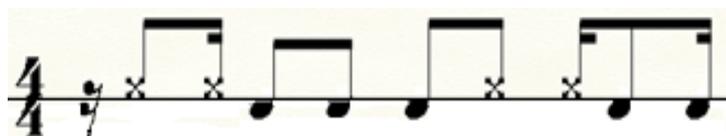


Figura VII: ritmo do segundo pandeiro utilizado durante o refrão da canção.

Fonte: próprio autor.

É importante notar que, quando o segundo pandeiro entra na repetição da música, o pandeiro que estava executando a batida preenchida (reta) muda sua condução, e passa a executar a seguinte base.



Figura VIII: ritmo do pandeiro principal utilizado durante o refrão da canção.

Fonte: próprio autor.

Como resultado sonoro da sobreposição dessas duas bases, temos um contraste em relação ao acompanhamento inicial da música. Em entrevista concedida ao autor, o músico Marcos Alcides da Silva (2019), conhecido como Marcos Esguleba, afirmou que a ideia de utilizar dois pandeiros com levadas e afinações distintas foi bastante explorada em diversas outras gravações de samba no decorrer da década de 1980, e continua sendo utilizada até os dias de hoje, tanto em gravações quanto em

¹⁵ O vídeo demonstrativo com as bases e variações da música “Marcando Bobeira” encontram-se disponível através do link: <https://www.youtube.com/watch?v=bSOYmpGXJIY>.

shows. Marcos relata ainda que nos frequentes trabalhos que faz junto ao grupo, sua função é tocar os ritmos de “marcação” no pandeiro, ou seja, sem variações, enquanto Bira Presidente executa suas frases (Silva 2019, 10 min). Porém, se tratando de um processo que se originou de acontecimentos informais, não se pode afirmar com exatidão quem criou e quando surgiu tal ideia. O que se pode constatar é que assim como já mencionado, Bira Presidente teve grande influência do Candomblé e da Umbanda, provida por sua mãe Conceição, onde durante os cultos, tradicionalmente se toca três atabaques¹⁶ com ritmos e afinações distintas. Dessa forma, baseado em seu convívio familiar e pela semelhança dos ritmos utilizados no pandeiro de náilon com os utilizados nos atabaques, nos levamos a crer que a inserção de dois pandeiros na faixa “Marcando Bobeira” seja uma adaptação da concepção “polirrítmica” do candomblé.

Seguem abaixo outras variações executadas por Bira Presidente, onde são exploradas hemíolas com agrupamentos de três e seis semicolcheias contra a subdivisão de quatro semicolcheias por tempo. No documentário “Samba é no Fundo de Quintal”, dirigido por Karla Sabah, é possível observar Bira Presidente executando os ritmos abaixo. Ele explica que, para executar tal variação, é preciso “puxar nas platinelas¹⁷”, no sentido de utilizar a movimentação da mão que segura o pandeiro para se obter mais destaque do som das platinelas¹⁸. As setas indicam a movimentação vertical do pandeiro em decorrência do impulso exercido pela mão direita, visto que o músico em questão é canhoto.



Figura IX: variação do ritmo do pandeiro principal.
Fonte: próprio autor

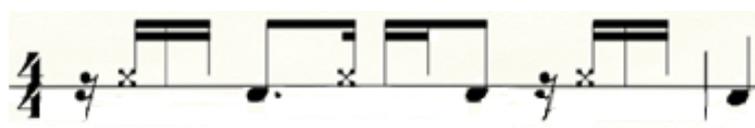


Figura X: variação do ritmo do pandeiro principal.
Fonte: próprio autor.

¹⁶ Tambores sagrados utilizados no Candomblé. Sua nomenclatura mais conhecida é: Run, tambor maior, mais grave; Rumpi, tambor de tamanho médio; e Lé, tambor menor. Existem determinados ritmos como o Cabula (Candomblé angola) em que cada tambor toca um padrão distinto.

¹⁷ Pequenos discos metálicos presos em pares na lateral do pandeiro.

¹⁸ O vídeo com o trecho exato em que Bira Presidente fala sobre seu estilo interpretativo encontra-se disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=e-fSGuXoZu4>.

Nesta última variação, temos a utilização do ritmo sincopado, ferramenta bastante comum à linguagem do samba. É importante mencionar que neste trecho, ele explora o grave da pele com a mão aberta na borda do instrumento, gerando assim bastante potência sonora e deixando o pandeiro em destaque. O tamanho do pandeiro, com doze polegadas de diâmetro, favorece a utilização desse toque.



Figura XI: variação do ritmo do pandeiro principal.
Fonte: próprio autor.

“Ô Isaura”

A música de Rubens da Mangueira é um samba de andamento rápido (138 BPM) em que o pandeiro faz uma batida derivada do partido alto¹⁹. Esse ritmo é explorado quando há muitos instrumentos de percussão tocando junto, de forma que a subdivisão das platinelas não se faz necessária. Esse tipo de base é uma característica do idiomatismo do pandeiro de náilon, que se faz presente no estilo de Bira Presidente.

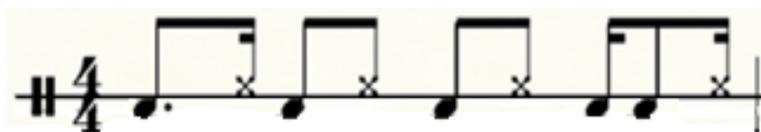


Figura XII: ritmo do pandeiro principal.
Fonte: próprio autor

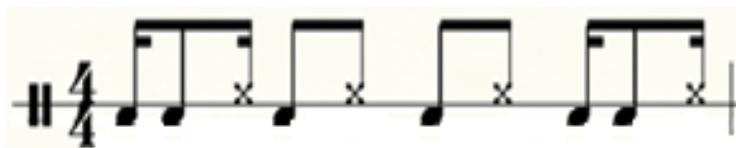


Figura XIII: variação do pandeiro principal.
Fonte: próprio autor

¹⁹ O vídeo demonstrativo da música “Ô Isaura”, desenvolvido pelo autor, encontra-se disponível através do link: <https://youtu.be/YMIK5v2dVaQ>.

Conclusão

Pode-se concluir que, através da transcrição e análise das linhas do pandeiro de três faixas do disco “Beth carvalho De Pé No Chão”, foi possível observar que a utilização dos instrumentos de percussão ocorreu de forma inovadora para a indústria fonográfica da época, gerando assim forte reverberação no panorama do samba até os dias atuais. A grande variedade de bases e variações, somada às técnicas de movimentação do pandeiro, compõem o estilo interpretativo de Bira Presidente e dialoga diretamente com os demais instrumentos de percussão como o repique de mão e o tantã.

Referências

- Carvalho, Beth. “Beth Carvalho – De Pé no Chão- 1978”. Entrevistada por Charles Gavin. *Som no Vinil*. You Tube. Dezembro 31, 2011. Áudio, 8:50. <https://www.youtube.com/watch?v=hHmhuqQL7Uc>.
- Falcão, Adriana. “O Patuá Tamarindo”. 2019. Primo Selo. Novembro 02, 2019. <https://www.primoselo.com.br/projeto-patua-tamarindo>.
- Ferreira, Gustavo Surian e Carlos Eduardo di Stasi. 2019. Pandeiro de Náilon: as técnicas de Carlos Café. Em 2º Congresso Brasileiro de Percussão – UFMG, 11-18. Minas Gerais: UFMG. Belo Horizonte: 2019. http://www.musica.ufmg.br/ppgmus/wp-content/uploads/2019/12/ANAIS-Congresso-de-Percussao_compressed.pdf.
- Gianesella, Eduardo Flores. 2012. Percussão Orquestral Brasileira. 147-168. São Paulo: Editora Unesp.
- Isso é Fundo de Quintal*. Dirigido por Karla Sabah. 2004; Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Indie Records, 2004. Filme.
- Reis, Leonardo Abreu. 2003. “Memória Familiar No Cacique De Ramos”. Dissertação de mestrado, Centro de Ciências Humanas, Universidade do Rio de Janeiro.
- Silva, Fábio Lopes. 2013. “Esquinas De Tantas Ruas: Os Pagodes Do Cacique De Ramos No Espaço Urbano Carioca”. Em *Revista Fenix*, (janeiro): 27-89. http://www.revistafenix.pro.br/PDF31/ARTIGO_11_SECAO_LIVRE_FABIO_LOPES_FENIX_JAN_JUL_2013.pdf.
- Silva, Marcos Alcides da. 2019. Entrevistado por Gustavo Surian Ferreira. 14 de outubro.